

CINEMA BRASILEIRO

Não adianta ter idéias certas no tempo errado. Não adianta, mas ajuda. Foram úteis os esforços que sucessivamente durante quase 60 anos tentaram fazer filmes no Brasil.

Não venceram e não podiam vencer. A tentativa de se criar o artesanato de filmes data, entre nós, da época em que quase todos os bens para consumo dos favorecidos vinham do estrangeiro, do palito aos primeiros automóveis, passando pela manteiga, pelo sabonete, pelas bicicletas e pelos gramofones. Já então o filme era considerado como algo necessariamente estrangeiro: francês, dinamarquês, italiano e, a partir da primeira grande guerra, sobretudo americano. Na década de vinte, os ensaios de indústria de filmes brasileiros tiveram que enfrentar não apenas uma generalizada mentalidade importadora, mas igualmente uma vigorosa estrutura de interesses solidários em torno da importação, distribuição e exibição de filmes.

As décadas de 30, 40, 50 até praticamente nossos dias, conheceram novas tentativas, sempre acompanhadas de perto pela frustração. Só vingou a produção de um tipo de cinema que o estrangeiro era obviamente incapaz de produzir: as fitas popularescas com alguma raiz no circo e no teatro ligeiro do Brasil, mas sobretudo vinculadas ao rádio, ao disco e mais tarde à televisão. Nos esforços pela criação de uma indústria cinematográfica brasileira os sucessivos malogros não impediram que a luta se processasse, gradativamente, em níveis sempre superiores. Os pioneiros foram vencidos, mas contribuíram para que nós cumpríssemos a nossa tarefa que é a de vencer. Pois o tempo certo chegou.

A mentalidade importadora generalizada é hoje no Brasil um dado histórico. Produzimos muita coisa e sentimo-nos capazes, mais cedo ou um pouco mais tarde, de produzir qualquer coisa. Até filmes. No terreno cinematográfico, com efeito, a mentalidade importadora foi particularmente tenaz. Chegou, porém, o momento de vencê-la também nesse reduto.

Hoje o adversário principal do cinema brasileiro não é mais uma mentalidade colonial em vias de perecimento. O inimigo hoje não está mais dentro de nós. Está fora e se reduz ao sistema de interesses constituído em torno da importação de filmes. Pois chegou a hora do cinema estrangeiro deixar o brasileiro existir. Chegou a hora de cessar a sabotagem daqueles que, a exemplo dos senhores Harry Stone, Herbert Richers e Luiz Severiano Ribeiro Júnior, cujo papel tem sido, como representantes diretos ou indiretos dos interesses anti-nacionais do cinema estrangeiro, o de retardar a eclosão de um cinema nacional.

Chegou a hora de ser dificultada a importação de filmes. Por uma política protecionista de barreiras alfandegárias e sistemas de contingente in do até, eventualmente - e por que não? - à nacionalização do comércio exterior em matéria cinematográfica.

A cristalização dêsse movimento de independência cinematográfica poderá se precipitar de um momento para outro. A corporação cinematográfica brasileira experimenta um sintomático desejo de ação e a sensibilidade dos poderes públicos nacionais está sendo aguçada dia a dia para a problemática cinematográfica, a ponto de esperar-se que o Geicine exista afinal e totalmente para a execução de seus objetivos.

Está ficando claro para todos que, na atual etapa da história brasileira, o cinema precisa assumir uma posição de vanguarda, como expressão da consciência nacional no processo de nossa emancipação.

Por isso mesmo devem os filmes brasileiros refletir mais lucidamente e mais corajosamente a realidade de nosso tempo e meio.

Dentro da conjuntura presente, o cineclubismo, que ora tanto se desenvolve entre nós, terá de adquirir também o sentido desta nova época. Tendo vivido, até hoje, sem uma ligação mais consequente com os esforços dos que vêm tentando a criação de uma escola cinematográfica independente, necessitam os cineclubes associar-se aos produtores, realizadores e técnicos nessa tentativa, do mesmo modo, esperando dêles que compreendam a colaboração que lhes pode assegurar o cineclubismo.

A partir dêsse espírito, os cineclubes reconhecem a urgência de se fundarem cursos de cinema de todos os níveis, com a intensificação dos já existentes. No cumprimento dessa missão, estará sempre reservado um grande papel à Cinemateca Brasileira, cuja crise presente sumpre ser superada com o apôio de todos, a fim de que continue nutrindo a cultura cinematográfica no Brasil.

O cineclubismo brasileiro não poderá deixar de se engajar na ação que se prenuncia.

Competiria, enfim, ao cineclubismo brasileiro, caso se sentisse com vitalidade para tanto, reivindicar para si a missão histórica de detonador dos acontecimentos que culminarão na florescência de uma indústria cinematográfica brasileira.

Pôrto Alegre, 18 de julho de 1963.

Trabalho apresentado pela comissão de estudos "Cineclubismo em face do Cinema Brasileiro atual", aprovado por unanimidade pelo plenário da IV Jornada Nacional de Cineclubes.